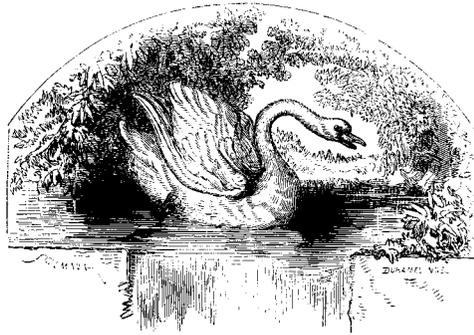


**La Fontaine**  
**FÁBULAS**



# La Fontaine FÁBULAS

Ilustrações de  
GUSTAVE DORÉ

Traduzidas ou adaptadas  
por poetas  
portugueses e brasileiros  
do século XIX

TEMAS E DEBATES



I

## A cigarra e a formiga

Tendo a cigarra em cantigas  
Folgado todo o verão,  
Achou-se em penúria extrema  
Na tormentosa estação.

Não lhe restando migalha  
Que trincasse, a tagarela  
Foi valer-se da formiga,  
Que morava perto dela.

Rogou-lhe que lhe emprestasse,  
Pois tinha riqueza e brio,  
Algum grão com que manter-se  
Té voltar o aceso estio.

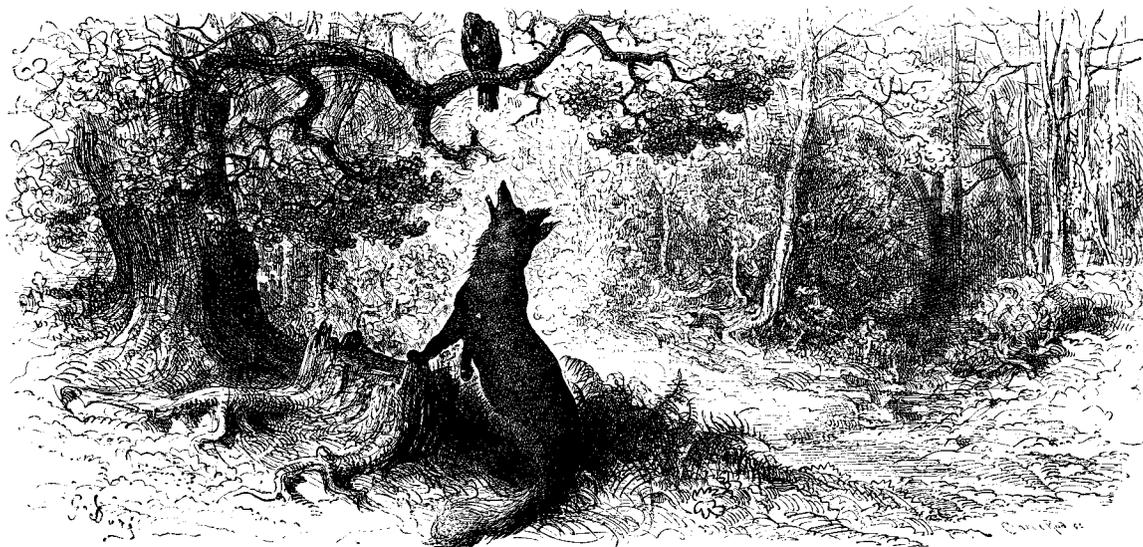
«Amiga», diz a cigarra,  
«Prometo, à fé de animal,  
Pagar-vos antes de agosto  
Os juro e o principal.»

A formiga nunca empresta,  
Nunca dá, por isso junta.  
«No verão em que lidavas?»  
À pedinte ela pergunta.

Responde a outra: «Eu cantava  
Noite e dia, a toda a hora.»  
«Oh, bravo!», torna a formiga.  
«Cantavas? Pois dança agora!»

(trad. BOCAGE)





II

## O corvo e a raposa

É fama que estava o corvo  
Sobre uma árvore pousado,  
E que no sôfrego bico  
Tinha um queijo atravessado.

Pelo faro àquele sítio  
Veio a raposa matreira,  
A qual, pouco mais ou menos,  
Lhe falou desta maneira:

«Bons dias, meu lindo corvo;  
És glória desta espessura;  
És outra fénix, se acaso  
Tens a voz como a figura!»

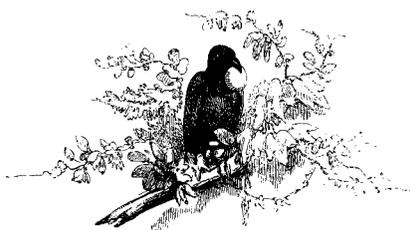
A tais palavras o corvo  
Com louca, estranha afoiteza,  
Por mostrar que é bom solfista  
Abre o bico, e solta a presa.

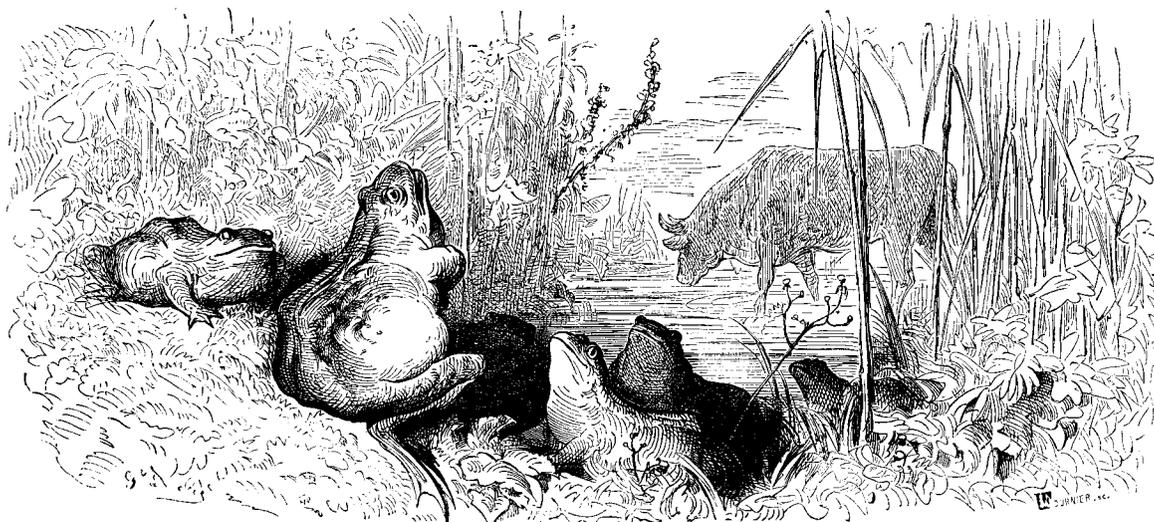
Lança-lhe a mestra o gadanho,  
E diz: «Meu amigo, aprende  
Como vive o lisonjeiro  
À custa de quem o atende.

Esta lição vale um queijo,  
Tem destas para teu uso.»  
Rosna então consigo o corvo,  
Envergonhado e confuso:

«Velhaca! Deixou-me em branco,  
Fui tolo em fiar-me dela;  
Mas este logro me livra  
De cair noutra esparrela.»

(trad. BOCAGE)





III

## A rã e o toiro

Certa rã viu um toiro, e pretendendo  
Iguará-lo em grandeza, foi bebendo,  
A ver se inchando muito o igualava.  
Um filho que loucura tal notava,  
Lhe disse: «Minha mãe, vai enganada,  
Porque à vista de um toiro sempre és nada.  
Não vás bebendo mais; porque arrebatas  
Primeiro que consigas o que intentas.»  
A tudo se fez surda; e mais bebia:  
Sucedeu como o filho lhe dizia.

(trad. COUTO GUERREIRO)



IV

## Os dois burros carregados

Qual romano imperador,  
Um pau por cetro levava  
E a dois frisões orelhudos  
Um burriqueiro guiava;  
Um deles trazia esponjas,  
E qual postilhão corria;

O outro de sal carregado  
Os pés apenas mexia;  
Um sem custo, outro com ele,  
Montes e vales andaram,  
Até que ao vau dum ribeiro  
Ultimamente chegaram.  
No que levava as esponjas  
O burriqueiro montou,  
E fez ir para diante  
O que de sal carregou.  
Ele o vau desconhecendo  
Pregou consigo no pego,  
Nadou, veio acima, e viu  
Aliviado o carrego:  
Porque o sal, de que era a carga,  
Derreteu-se n'água entrando,  
E o seu condutor, lá leve,  
Pôs-se em terra e foi trotando.  
O camarada esponjeiro,  
Que o viu tão leve sair,  
Quis à sua imitação  
Também no pego cair;  
Ei-lo nas águas submerso,  
Esponjas e burriqueiro,  
Todos três bebendo à larga  
Querem secar o ribeiro.  
Tão pesados se fizeram,  
Por beberem sem cessar,  
Que sucumbido o jumento,  
Não pôde as margens ganhar.  
O homem lutava coa morte,  
Té que um pastor lhe acudiu;  
Mas o burro das esponjas  
Foi ao fundo, e não surdiu.

Guiar por cabeças más  
Não é um bom portamento;  
Às vezes a dita de um  
Faz a desgraça de um cento.

(trad. CURVO SEMEDO)





V

## O lobo e o cão

Não tinha um lobo mais que a pele e o osso.  
Sinal é que, de orelha arrebitada,  
Bem vigilante andava a canzoada.  
Encontra o lobo um dogue forte, grosso,  
Nutrido, luzidio, uma beleza!  
Que distraído abandonara a estrada.  
Sorri-lhe a nédia presa.

Saltar-lhe logo ali, fazê-la em postas  
O seu desejo fora. Dura empresa!  
A luta era infalível! Voltar costas  
Não usam perros quando são valentes,  
E, mais, os brutos! dão às vezes cabo  
Do fero contendor! Diabo! diabo!  
Então aquele, com aqueles dentes!  
Humilde o lobo, pois, encolhe a cauda;

Chega-se ao cão; abaixa-lhe a cabeça;  
Puxa conversa; diz que folga em vê-lo,  
Que deixe que ele admire, que ele aplauda  
Topá-lo assim... e com tão bom cabelo!...  
E rijo! e gordo! Um frade! uma abadessa!  
«Esplêndido senhor», o cão responde,  
«De vós depende o ter igual gordura.  
Fugi dos bosques, onde  
Por teima da desgraça,  
De fome e frio só achais fartura,  
Vós, senhor lobo, e a vossa pífia raça.  
Dias e dias sem comerem nada!  
E lá por festas raras, esquecidas,  
Um petisquinho conquistado à espada,  
Tragado às escondidas!  
Aí é certa a morte!  
Furtai-vos a seus braços!  
Segui... segui meus passos;  
Tereis outro destino e melhor sorte.»  
«Mas como?», volve o lobo.  
«Fazer então que devo?» «Bagatela:  
Nem morte de homem, nem de igreja roubo;  
Simplesmente estas coisas: não dar trégua  
À santa gente rota, mendicante,  
Bordão numa das mãos, noutra a tigela,  
Que vem inda a distância duma légua  
E já tresanda a essência de tratante.  
Lamber as mãos ao dono; ser submisso...  
*Dar coca* – é o termo próprio – ao dono e a todo  
Quanto bicho careta houver em casa.  
Salário apanhareis que vos apraza:  
Ossos das aves, rodas de chouriço,  
Restos vindos da mesa, e tudo a rodo!  
Até uns tagatés em cima disso!»

Tendo prestado ao cão atento ouvido,  
O lobo, coitadinho!  
Com perspetiva tal enternecido,  
Não tugiou nem mugiu, mas fez beicinho!  
Iam caminho já do povoado,  
Quando o lobo notou que no pescoço  
O cão era pelado!  
«Que tens aí?», pergunta em alvoroço.  
«Nada, que eu saiba.» «Nada?!» «Frioleira!»  
«Mas afinal o que é?» «Ora!... a coleira,  
Com que à noite me prendem junto à porta...»  
«Prender-te?!», o lobo exclama. «Não sais fora,  
Não corres livre pela terra inteira  
Quando te dá na gana, e a toda a hora?»  
«Nem sempre. Isso que importa?»  
«Tanto importa, que toda a trincadeira  
Com que me acenas, um tesouro embora,  
Por tal preço não quero!»  
O lobo finda,  
Põe-se logo na perna, e corre ainda!

(trad. FRANCISCO PALHA)

